

ALFREDO ADLER e a psicologia individual

*Com a morte do eminente psiquiatra de Viena as crianças perderam um grande amigo
que as rehabilitou e dignificou vencendo a incompreensão dos pedagogos*

MORREU o Dr. Alfredo Adler. Os jornais de grande informação não deram conta disso. Não se tratava dum político retirado de negócios, dum general reformado ou dum artista de cinema. Logo, entenderam que não interessava ao público saber que desaparecera o criador da psicologia individual. Este psiquiatra e pedagogista eminente, que reformou a pedagogia, rehabilitou e dignificou a criança, ensinando aos pais e professores que não há meninos maus, teimosos ou rudes, mas seres em permanente devir, que procuram vencer a sua inferioridade e realizar a sua vontade de potência—motor único da vida.

O discípulo do Prof. Freud, que foi o primeiro a abrir um cisma no freudismo, deu à psicanálise uma extensão que o seu criador não tinha previsto. Isso valeu-lhe separar-se do Mestre de Viena e ser até criticado por ele; mas deu às investigações psicológicas uma finalidade prática, ultrapassando o campo clínico do tratamento das neuroses. Partiu da inferioridade humana, logo revelada na criança, para procurar as vias da perfeição, único objectivo digno de toda a filosofia, de toda a ciência e de toda a arte.

O Dr. Adler, médico de Viena, pertenceu ao círculo dos discípulos de Freud que frequentavam a sua casa, ouviam as suas lições e discutiam os problemas da psicanálise nascente. Nunca se conformou, porém, com os métodos psicanalíticos, preferindo interrogar o paciente a deixá-lo monologar. Também as suas interpretações de sonhos eram corrigidas pelos outros oniristas, em termos que deixavam prever que Adler não fôra fadado para praticar a técnica que tem seu quê de devinatório.

Adler partia do princípio, formulado por Nietzsche, da «vontade de potência» e reduzia tudo a êsse impulso volitivo. Para ele, o líbido—que para Freud é tudo—era, apenas, uma manifestação dessa «vontade de potência» e os fenómenos sexuais tão somente um reflexo dela. As ideais-bases do seu sistema são duma grande simplicidade. Assim, raciocinava: que quer o homem, que querem os seres vivos? Ser potentes. Que mais os aflige? A fraqueza, a inferioridade. Por isso, o ser que se sente inferior, agulhado pela sede de poder, trabalha apaixonadamente para se aperfeiçoar.

A êsse esforço para a perfeição chamou Adler o «protesto viril», expressão que ficou consagrada, mas que não é justa, pois nada tem que ver com o sexo masculino e verifica-se tanto nos homens como nas mulheres. Adler partia do princípio, porém, de que a criança quer ser homem, assim como a mulher quer, também, ser homem, porque dos três o homem é o mais forte. Assim, o «protesto viril» seria uma confissão de fraqueza. No homem, seria o desejo do homem fraco de se tornar homem forte. A isso Freud e os psicanalistas ortodoxos chamam o «complexo da castração», não lhe atribuindo nenhuma força criadora.

Estas divergências separaram Adler de Freud. Este ainda tentou dar lugar, no seu sistema, à ideia fundamental do discípulo, admitindo ao lado dos instintos sexuais, ou seja dos mecanismos que têm o seu nome, as tendências do eu. As tendências egoístas são, contudo, um reflexo dos instintos agressivos, destrutivos, dos instintos de morte, opostos aos de vida. Para Adler, isso representava a condenação do seu sistema, pois considerava a «vontade de potência» fundamental na vida.

A luta surda durou até 1911, ano em que Adler foi convidado a expor, sistematicamente, as suas doutrinas, perante a Associação dos discípulos de Freud. Essa exposição durou cinco sessões. Na quinta, um dos discípulos propôs que, se Adler estava assim em tão aberta oposição com o Mestre, era preferível abandonar a Associação. Supõe-se que esta proposta foi sugerida por Freud, que teria procurado ver-se livre dum adversário incómodo, pois, como costuma dizer-se, não consentia outro gallo no seu poleiro.

Adler compreendeu e saiu. Acompanharam-no nove membros da Associação, que com ele se solidarizaram. Por coincidência, eram todos sociais-democratas, pelo que o cisma tomou o carácter duma atitude política, contra um chefe e cessivamente autoritário e exclusivista. A águia (em alemão «adler») tinha,—segundo a frase de Stekel—ousado fitar o sol. A partir de então, não prosseguiu, sózinha, no seu vô, fazer ninho

à parte, criar uma prole de psiquiatras e pedagogistas capazes de estabelecer um corpo de doutrina, útil aos pedagogos esclarecidos.

Os principais estudos de Adler têm todos a marca da proveniência. Nos primeiros, versou até os mesmos temas e serviu-se das mesmas expressões dos freudistas. São eles «Über den nervösen Charakter» e «Das Problem der Homosexualität». Foi porém em «Praxis und Theorie der Individualpsychologie» que estabeleceu as bases do sistema que criara. Essa obra, publicada pela primeira vez em 1922, é fundamental para o conhecimento da psicologia individual.

A psicologia individual estuda e investiga o sentimento de inferioridade que determina a «vontade de potência». Esse sentimento, que Janet já tinha designado por «incompletude», provoca a obtenção de «compensações psíquicas» e o estabelecimento dum «plano de vida», que muitas vezes degenera nas ficções neuróticas. Normalmente, porém, por ser a base das ambições e aspirações, gera os sucessivos aperfeiçoamentos do ser.

Desenvolvendo os dados da psicologia individual, Keyserling disse: «Só aspira quem sente, dum modo ou de outro, a sua situação como insuficiente». Quando o complexo de inferioridade, quase sempre filho do pauperismo, não encontra êstes caminhos normais, degenera, para o homem, no crime, e, para a mulher, na prostituição, únicas formas de atingirem a «elevação da personalidade» que almejam.

A compensação psíquica determina muitas vezes o aparecimento de grandes artistas. Demóstenes gaguejava e para vencer essa inferioridade tornou-se um grande orador; Beethoven, como Mozart, padecia de insuficiência auditiva e foi um grande músico. Os feios, como Sócrates, criam uma alma formosa. As doenças, os defeitos físicos procuram fenómenos de cobertura, compensações, para afirmar a personalidade. Isso, que para os freudistas é sublimação, para Adler e seus adeptos é manifestação da «vontade de potência», «compensação psíquica».

O neurótico cria, portanto, mecanismos de compensação, para vencer o seu sentimento de inferioridade, estabelecendo para isso um plano artificial de vida, uma «meta final fictícia» que se esforça por alcançar. Não sucede assim com o homem normal que, ao erigir o seu plano de vida, não confunde o simbólico com o real, não supõe que força é o mesmo que violência. O neurótico contenta-se com o hábito externo daquilo que desejaria ser; o normal procura a realização plena—interior e exterior.

Quanto à criança, importa descobrir nela o que determina o seu sentimento de inferioridade. Encontrada a causa, é relativamente fácil canalizar a compensação psíquica para as realizações normais, a-fim de evitar a queda nas ficções da neurose, ou corrigir estas quando já existentes. A criança enferma, feia, maltratada ou mimada, defende-se, procurando compensações, muitas vezes cruéis, que para o freudismo se assinalam na «fase polimorfa perversa», pela regressão à barbárie ou à selvajaria.

Adler ao identificar o instinto da criança, como uma forma do protesto viril, procurou criar para esta um plano de vida, uma ficção directora, que sem deixar de ser ficção, fosse inteligente, capaz de melhorar o homem, de fazer da criança aquilo que ela realmente quer ser—um homem—sem, todavia, vencer as suas tendências, antes canalizando-as para o fim útil que se pretende atingir. Toda a pedagogia adleriana consiste, portanto, em alcançar a utilização do protesto viril determinado pelo sentimento de inferioridade.

Por isso, o Dr. Gilbert-Robin num artigo recente, disse: «A criança deve muito a Adler. Se a sr.^a Montessori a libertou, Adler rehabilitou-a. Investiga os seus desfalecimentos para melhor a fazer triunfar sobre eles. Dá-lhe confiança. Dá-lhe coragem. Ensina-lhe a desconfiar das armadilhas, das reacções fáceis». Segundo o mesmo técnico de pediatria, a divisa de Adler poderia ser: «Dominar-se para melhor dominar; conhecer-se para melhor compreender». Graças a ele, numerosas crianças devem uma compreensão mais clara e completa da parte dos pais e professores e essa riqueza só a sentirá completamente a humanidade futura.

J A I M E B R A S I L